

“NÃO QUERO PARECER CRENTE”: CORPO, ESTÉTICA E DISTINÇÃO NA PRÁTICA DA MODÉSTIA CATÓLICA NO VESTIR¹

Jaqueline Sant'ana Martins dos Santos²

Resumo: A partir do conteúdo disponibilizado em espaços virtuais criados e mantidos por mulheres católicas adeptas da prática da modéstia no vestir, este artigo pretende analisar como corpo e estética são mobilizados no estabelecimento de distinções sociais, morais e religiosas entre fiéis de diferentes vertentes do cristianismo contemporâneo – notadamente católicas tradicionais e protestantes pentecostais e neopentecostais que são pejorativamente identificadas como “crentes”. Em um primeiro momento, examinamos a construção de um modelo ideal de “mulher modesta” a ser atingido no catolicismo a partir de discursos teológicos de fundo moral e técnicas corporais difundidas através de textos autorais, documentos da Igreja e ilustrações artísticas criadas por fiéis que se dedicam à divulgação da modéstia na *internet*. Posteriormente, considerando o impacto de múltiplos marcadores sociais da diferença, tal como classe e raça, examinamos como essa prática religiosa de inspiração mariana evidencia o entrelaçamento entre corpo, estética e moralidade a partir de argumentos de autoridade e categorias de acusação de que evidenciam tensões e disputas no campo religioso contemporâneo.

Palavras-chaves: Modéstia; Corpo; Estética; Catolicismo.

¹ Como citar: SANTOS, Jaqueline Sant'Ana Martins dos. “Não quero parecer crente”: corpo, estética e distinção na prática da modéstia católica no vestir. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e156134, 2026.

² Doutora em Ciências Humanas (Sociologia) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ), Brasil. E-mail: jaquesantana87@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7841-8576>.

*“DON'T WANNA LOOK LIKE CRENTE”: BODY, AESTHETICS AND
DISTINCTION IN THE PRACTICE OF CATHOLIC MODESTY IN DRESSING*

Abstract: Drawing on content from online spaces created by Catholic women who practice modest dressing, this article analyzes how the body and aesthetics are mobilized to establish social, moral, and religious distinctions between different strands of contemporary Christianity – specifically traditional Catholics and Pentecostal or Neo-Pentecostal Protestants, pejoratively labeled as “crentes”. First, we examine the construction of a “modest woman” ideal within Catholicism, shaped by morally grounded theological discourses and bodily practices disseminated through online texts, Church documents, and illustrations created by women dedicated to promoting modesty. Subsequently, considering the impact of multiple social markers of difference – such as class and race – we analyze how this Marian-inspired religious practice intertwines body, aesthetics, and morality, drawing on arguments from authority and categories of accusation that reveal tensions and disputes within the contemporary religious landscape.

Keywords: Modesty; Body; Aesthetics; Catholicism.

INTRODUÇÃO

Centrado nas experiências de feminilidades católicas tradicionalistas e na análise de dinâmicas sociais, morais e religiosas entre fiéis de diferentes vertentes do cristianismo contemporâneo – notadamente católicas tradicionais e protestantes pentecostais e neopentecostais que são pejorativamente identificadas como “crentes”, o presente artigo é um desdobramento de uma ampla pesquisa desenvolvida no âmbito do meu doutorado em Sociologia (Santos, 2024), que buscou apresentar a prática da modéstia cristã no vestir e investigar como gênero e tradição eram mobilizados como pilares simbólicos e discursivos no contexto do catolicismo contemporâneo. Aqui, pretendo me debruçar sobre jogos relacionais de diferenciação social que apareciam de forma recorrente na minha pesquisa, traçando linhas imaginárias e materiais entre diferentes grupos religiosos, e o que eles podem nos dizer sobre como

gênero, religiosidade, classe, raça e estética são cotidianamente construídos e instrumentalizados por fiéis de diferentes denominações cristãs.

Para tal, faço uso de uma parte do meu caminho metodológico do doutorado, esmiuçando publicações, imagens e demais achados de pesquisa disponibilizados na *internet* e obtidos através de uma netnografia que tomou como ponto de partida quatro diferentes espaços virtuais criados por mulheres que se identificavam como fiéis católicas de orientação “tradicional” ou “tradicionalista, então selecionados por sua abrangência de conteúdo e relevância nas redes virtuais do tema: os sites *Mulher Católica*, *Flores da Modéstia e Moda* & *Modéstia* e o blog *Tirinhas da Maria*. Alinhadas ao tradicionalismo religioso da Igreja Católica Apostólica Romana e praticantes da chamada “modéstia cristã no vestir”, suas criadoras encontraram na *internet* modos criativos e personalizáveis de se expressarem, divulgando a modéstia e os seus valores, narrando trajetórias pessoais e percepções subjetivas de fé e incentivando outras mulheres a aperfeiçoarem suas crenças religiosas através da adoção de um conjunto complexo de regras de vestimenta e comportamento fundamentado na devoção mariana.

Os efeitos da tecnologia emergem de associações dinâmicas e contingentes entre atores humanos e também não humanos em um processo de negociação e co-construção contínuas (Latour et al., 2015). Em uma obra que busca abordar o triplo desafio filosófico, antropológico e sócio-político do *virtual*, o filósofo Pierre Levy (1996) afirma que ele não se opõe ao real, “mas sim ao atual”, condensando uma potencialidade ainda não atualizada de concretização (p. 16). Sua realidade seria subjetiva e contextual, experienciada em ambientes não físicos e capazes de produzir efeitos diversos no campo das interações humanas e das relações sociais. Aprofundando o debate antropológico sobre o tema, Daniel Miller e Don Slater (2000) apresentam os espaços virtuais não como um “mundo à parte” ou uma “nova realidade”, mas como uma nova forma de mediação social. Para os autores, as relações estabelecidas *online*, através da *internet*, seriam um *continuum* da vida, consolidando um cibridismo onde ações elaboradas em espaços virtuais atravessam meios e produzem desdobramentos *online* e *offline* – caso,

por exemplo, de mulheres modestas que alcançam pessoas fora de seus círculos de convivência direta através de seus *sites* e *blogs*, conectando-se e interagindo com indivíduos que possuem interesses em comum, criando grupos e comunidades virtuais que trocam conhecimentos, oferecem dicas e sugestões de compras e leituras, agendam e organizam orações, vigílias e encontros virtuais e presenciais etc.

O QUE É MODÉSTIA?

A prática católica da modéstia cristã no vestir opera através da vigilância do corpo, das vestimentas e do comportamento da mulher, operando de acordo com a associação direta entre o corpo feminino e o pecado. Nesse sentido, a modéstia cristã opera como forma de legitimar (ou não) a moral de uma mulher dentro e fora da congregação religiosa a partir da observação de certas instruções. Exemplifica-se determinadas instruções a partir do uso de saias centímetros abaixo dos joelhos e de blusas que cubram ombros, colo e braços, a estrita proibição do uso de calças, o incentivo ao uso do véu durante a missa e a condenação do uso de trajes de banho. Tal vigilância corporal e estética, concentrada nas roupas e no ocultamento dos cabelos durante o ritual da missa tridentina, não se aplica da mesma forma aos homens católicos, sendo esta muito mais ligada a questões de higiene e decoro e exaltando um ideal de masculinidade “limpa”, máscula, racional e hegemônica. Poucos textos dizem respeito à modéstia masculina, e isso é justificado a partir de uma argumentação de ordem biológica que é recorrentemente acionada para explicar tal discrepância: o despertar do desejo sexual masculino através do olhar. A diferença na forma como homens e mulheres teriam seus desejos provocados é percebida como natural, inata, e sustenta uma série de construções discursivas em torno das condutas a serem adotadas pelos diferentes sexos.

De acordo com Melissa Bergonso, mulher branca, residente em Curitiba (PR), que se apresenta como “mãe, esposa, dona de casa, musicista” e

criadora do *site Mulher Católica*³, seguir as orientações da modéstia cristã é uma forma de mostrar amor a Deus e a sua Igreja, uma vez que a mulher, além de resguardar seu corpo e sua dignidade para o Senhor e para seu marido, também protegeria seus colegas de congregação da tentação do corpo feminino exposto. A católica modesta Julie Maria Lauriano, também uma mulher branca, ex-modelo de Brasília (DF) e criadora do *site Moda e Modéstia*⁴, afirma: “A roupa tem um objetivo claro: cobrir o corpo, protegendo a dignidade da pessoa e do outro que a vê. Quanto mais se cobre, mais protegido está”⁵. Maria Bastos, mulher branca que era residente em Vitória (ES), desenhista e noiva quando criou o seu *blog Tirinhas da Maria*⁶ em 2012, confirma essa intenção de desestimular o desejo e a luxúria através do ocultamento de partes dos seus corpos: “(...) nós nos vestimos assim por amor a Deus, buscando ao menos tentar seguir o exemplo de Nossa Senhora, e por caridade e amor ao próximo, especialmente nossos irmãos os homens, que são os que mais sofrem hoje em dia com o modo de vestir das mulheres, inclusive católicas”⁷.

Uma mulher *torna-se* modesta a partir do momento em que se veste como uma mulher modesta, uma vez que neste campo o vestuário é compreendido como uma materialização e uma expressão externa do “interior” da pessoa, de sua “essência”. O documento “A beleza da modéstia”, de autoria da católica Rita Freire (s/d) e divulgado na biblioteca de referências do *site Flores da Modéstia*, reúne uma série de elementos ricos à nossa análise:

³ Disponível em: <http://www.mulhercatolica.org>. Acesso em: 07/07/2026.

⁴ Disponível em: <http://modaemodestia.com.br>. Atualmente desativado. Acesso em: 07/07/2026.

⁵ Disponível em: <http://modaemodestia.com.br/moda-modestia/modestia-exagerada>. Acesso em: 07/07/2026.

⁶ Disponível em: <http://tirinhasdamaria.wordpress.com>. Acesso em: 07/07/2026.

⁷ Disponível em: <http://tirinhasdamaria.wordpress.com/2012/08/08/e-quando-uma-moca-catolica/>. Acesso em: 04/07/2026.

Cabe ressaltar que a moda não é uma virtude! Muda constantemente, pois reflete os costumes da sociedade em um determinado espaço de tempo. Ao contrário, a modéstia é uma virtude tão necessária caso queiramos agradecer a Deus e vivermos conforme a nossa dignidade pessoal. Para as mulheres piedosas e virtuosas, a modéstia deve estar claramente presente em seu coração. Uma mulher cujo objetivo é adorar a Deus tem que ter Maria Santíssima como modelo e deve considerar atenciosamente como deve se vestir, pois seu coração definirá seu “guarda-roupa” e sua aparência. Essa atitude fará toda a diferença na maneira de vestir de uma mulher honrada.

Atualmente, ao olharmos as vitrines das lojas vemos que as roupas exibidas não favorecem a modéstia. São roupas imodestas, indecentes, feias e não trazem a beleza e a harmonia nas formas. Por esse fato, é que as mulheres devem refletir sobre a virtude da Modéstia para serem, no mundo, modelos vivos do ornamento interior da graça de Deus. (Freire, s/d).

Para além da forte exaltação mariana que se faz presente nessa defesa da prática da modéstia no vestir, destacamos sua imediata associação às noções de virtude, dignidade e piedade e como isso vincula interior e exterior, fé e expressão corporal, “coração” e “guarda-roupa”. Aqui, buscar imitar o exemplo de Maria significa buscar um modo “de vestir de uma mulher honrada”, um tipo de beleza que expressa, em si, uma distinção moral.

VIRTUDE E NATUREZA: TORNAR-SE MODESTA VESTINDO A MODÉSTIA

Vinculado ao tradicionalismo católico, o movimento da modéstia busca criar uma vinculação indissociável entre estilo de vida, identidade cristã e religião, colocando-se contra os chamados “católicos de IBGE” – pessoas que se declaram católicas, mas que não aplicam os seus fundamentos e moralidades no dia a dia, e cristãos protestantes de múltiplas vertentes. A mobilização de um passado glorioso e da nostalgia de uma época em que o

catolicismo exercia sua autoridade de forma hegemônica fomenta discursos que clamam pela “re Cristianização” do país e do mundo, exaltando valores e costumes que teriam sido abandonados graças às transformações sociais e mudanças de paradigmas da modernidade.

Enquanto ferramenta analítica que nos ajuda a pensar práticas, discursos e valores que classificam e organizam o mundo social de forma binária, relacional e estruturante, operando na produção de diferenças entre pessoas, objetos e atividades a partir das noções de masculino e feminino, o conceito de *gênero* (Scott, 1990) é vital para a compreensão da prática da modéstia católica. *Ser feminina* é um imperativo direcionado às mulheres, sendo reiteradamente destacado e reforçado em todos os espaços examinados ao longo de nossa pesquisa; algo que deve ser preservado, cultivado e exaltado em *todos* os aspectos da vida de uma mulher modesta, manifestando-se em seu lar, em seus passatempos e atividades cotidianas, no tipo de leitura que consome, nas roupas que adquire e em sua postura pessoal.

Em um depoimento publicado em 2019 no *blog Moda e Modéstia*, a católica modesta Julie Maria Silva argumenta sobre a existência de atributos sexuais inatos a homens e mulheres, atribuindo à natureza a determinação de papéis sociais de gênero específicos. Em decorrência disso, as mulheres deveriam “ter muitíssimo cuidado” com o que vestem, dada a natureza concupiscente dos homens. Essa construção argumentativa leva Julie a elaborar uma crítica ao movimento feminista por supostamente promover uma mentalidade que afirma não “se importar” com os outros, expressa pela metáfora de um “grito de liberdade”, mas também, de forma não intencional, abre caminho para questionarmos se todos os homens, por sua dada “natureza”, seriam criminosos sexuais em potencial.

Bom, entrando neste tema, devo fazer um parêntesis para explicar um pouco porque nós, mulheres, devemos ter muitíssimo cuidado com o que vestimos, já que existe na “mentalidade feminista” um falso grito de liberdade que diz mais ou menos assim: “*sou livre, o corpo é meu e eu faço dele o que eu quiser... e não tenho que me preocupar com ninguém!*”.

Mas não foi para esta liberdade que Cristo nos libertou! Foi para nos fazer servos uns dos outros e nos tornar não pedra de tropeço, mas *alter Christus* para o nosso próximo. Nós, mulheres, por natureza, temos esta missão que nos vem do próprio Deus: somos responsáveis pelo outro, e temos isso muito mais presente e forte em nós que o homem. Somos assim, chamadas a cuidar do outro, e isso inclui antes de tudo, a cuidar da sua salvação eterna. Longe disso nos escravizar, nos liberta: nos realizamos como mulher ao cuidar dos outros, pois temos a exigente missão de educar o ser humano, desde berço. Então, se a nossa natureza feminina tem algumas qualidades únicas, a dos homens tem outras.

Quem não reconhece que o homem é um sexo forte fisicamente? Não é tão bom quanto estamos carregando uma caixa pesada e vem um amigo e diz “quer ajuda?” Que alívio! E ele, na maior tranquilidade, leva aquele peso! Deus o fez assim por uma razão muito, muito especial: ele é criado para ser o nosso protetor e guardião, e mais: ele é criado para ser o chefe da sua família! Chefe *fracote* não dá, né? E eu não estou falando de músculo, estou falando de natureza humana masculina. O homem é mais forte. E que bom que seja assim! Deus assim o quis! (grifos da autora)⁸

Neste campo, a busca por uma “retomada” ou readequação do que significa “ser homem” e “ser mulher” passa pela contestação e ataque a discursos que atualizam, questionam ou recusam a chamada “lei natural” cristã e suas rígidas dinâmicas de gênero, tal como o feminismo. Na prática, aquilo que pode ser percebido por um observador externo como tentativas de reelaboração e reforço de estruturas de opressão femininas revestem suas adeptas de prestígio e dignidade, elevando seu *status* de mulher contemporânea para o de “serva de Maria” e mulher virtuosa, que exerce sua agência optando pela submissão a uma ordem divina regida pela chamada “lei natural”, que determina a diferença sexual binária entre homens e mulheres, masculino e

⁸ Disponível em: <http://modaemodestia.com.br/juliemaria-artigos/testemunho-juliemaria>. Acesso em: 02/06/2026.

feminino, em uma relação de oposição e complementaridade, estabelecendo papéis de gênero estanques a partir desse sexo. Nesse sentido, a categoria da diferença sexual, seja ela compreendida como uma estrutura (Héritier, 1996) ou como um dispositivo (Foucault, 2013), é central, uma vez que é condensa uma série de elementos que impactam os diferentes modos de subjetivação e diferenciação entre os indivíduos.

O dogma da “lei natural” católica admite a existência de apenas dois sexos biologicamente determinados, opostos, complementares e harmônicos entre si que levariam à expressão de uma masculinidade e de uma feminilidade ideais como reflexo direto de uma determinação sexual de origem divina, que se organiza a partir de uma desigualdade hierárquica entre homens e mulheres que se reflete na estruturação da família católica tradicional, estabelecida pelo sacramento religioso do matrimônio e que atende a um modelo nuclear, heterossexual e monogâmico que não admite o divórcio e cujos atos sexuais teriam como principal objetivo a reprodução humana sem impedimentos. Nela, o homem é o provedor e protetor da família subordinado a Deus, a esposa é submissa ao esposo e os filhos obedientes aos pais, como podemos observar na ilustração abaixo (Figura 1), oriunda de uma rede social do *site Flores da Modéstia*:

Figura 1 – Ilustração “Ordem natural da família”



Fonte: <https://www.facebook.com/FemininaModestaEElegante/photos/1276087345752541/>. Acesso em: 10/10/2025.

Dentre diversos autores, a antropóloga Henrietta Moore (1997) refletiu sobre o desdobramento problemático que o termo “natural” desencadeia no campo das reflexões sobre sexo e gênero, estabilizando diferenças entre homens e mulheres como algo pertencente ao campo pré-social da biologia e da natureza. Estudos antropológicos basilares, como os estudos de Marcel Mauss (2003) sobre as “técnicas do corpo”, reforçaram a porosidade das fronteiras entre os âmbitos sociais e naturais e como eles não podem ser facilmente distinguidos, dadas as suas imbricações. Já Margaret Mead (1979) evidencia a ausência de uma relação direta entre sexo biológico e determinada conduta social tida como “natural” entre homens e mulheres, uma vez que os papéis sexuais são determinados pelas expectativas sociais de cada grupo, variando de cultura para cultura, e não por uma natureza comum que ordenaria toda a coletividade humana de uma mesma forma.

Nesse sentido, a incorporação do nosso modelo ocidental hegemônico, que concebe mulheres receptivas e dóceis, voltadas para o cuidado e a maternidade, e homens agressivos e destemidos, prontos para a ação, a violência e o combate, por exemplo, seria consequência de um processo pedagógico que acompanha o indivíduo desde antes do seu nascimento, envolvendo-o como uma “segunda pele”, como um *habitus* que modela suas formas de agir, pensar, andar, sorrir, falar etc.

Na perspectiva de Marcel Mauss (2003, p. 401), seria por meio das chamadas “técnicas do corpo”, ou seja, das “maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, servem-se de seu corpo”, que os indivíduos aprenderiam a usar o corpo como um instrumento para a expressão e a comunicação de mensagens simbólicas e padrões culturais. Na perspectiva do autor, existiria uma construção cultural do corpo, com uma valorização de determinados atributos e comportamentos em detrimento de outros, resultando na existência de um corpo típico e ideal para cada agrupamento social. Esse modelo de corpo, que varia de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos sujeitos por meio de uma “imitação prestigiosa”, onde atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que têm prestígio em sua cultura são imitados muitas vezes de forma inconsciente dos membros de cada cultura, como ressalta Mirian Goldenberg (2011).

O antropólogo norte-americano Marshall Sahlins (1979, p. 199) definiu o que chama de “sistema de vestuário” como um “esquema muito complexo de categorias culturais e de relações entre elas, um verdadeiro mapa – não é exagero dizer – do universo cultural”, admitindo-se diversos níveis de produção semântica nas roupas. O que estaria sendo criado nesse sistema seriam coordenadas e noções de tempo, espaço e pessoa – dia e noite, roupas para ficar em casa e roupas para sair, adultos e jovens etc. Além disso, produzem-se diferenças entre essas categorias dentro de uma mesma ordem cultural. “Ao manufaturar peças de vestuário de cortes, modelos ou cores diferentes para mulheres e homens, reproduzimos a distinção entre feminilidade e masculinidade tal como é conhecida nessa sociedade” (p. 201, grifos

meus), destaca o autor, ressaltando uma dupla função dos bens: para além da reprodução de valores compartilhados em uma dada sociedade, temos também a produção e a marcação de diferenças a partir destes mesmos itens.

Para os indivíduos que defendem e vivem a modéstia, o uso de determinadas vestimentas gera efeitos na psique e no comportamento dos indivíduos, criando e modelando disposições corporais e subjetivas tal como apresentado por Saba Mahmood (2006, p. 140) em artigo sobre o pietismo egípcio, onde a pesquisadora destaca como “em vez de as vontades humanas inatas e licitarem formas externas de conduta, serem as práticas e acção aquilo que determina as emoções e desejos individuais”. A partir do relato de uma de suas interlocutoras, identificada como Amal, a autora afirma que atos corporais repetidos criam sentidos e treinam “a nossa memória, desejo e intelecto de acordo com padrões de conduta estabelecidos” (Mahmood, 2006, p. 140), levando a uma aproximação sincrônica entre comportamento externo e motivações internas da devota interessada em desenvolver a virtude da modéstia muçulmana “até o ponto em que a discrepância entre ambos se dissolve” (Mahmood, 2006, p. 141). Aqui, a estética se entrelaça de forma indistinguível com uma ética enquanto expressão de um modo de ser, um movimento também identificável nos relatos em torno do uso do véu em missas católicas, um costume que pode gerar as sensações de vergonha, receio de chamar a atenção e medo de isolamento nas paróquias que frequentam e que, por isso, é alvo de diversas publicações de estímulo e apoio nos espaços virtuais mantidos por mulheres católicas modestas⁹.

⁹ Como escreve Maria Bastos: “Penso que esta seja a maior razão pela qual as moças se sentem desmotivadas a usar véu na Missa: a vergonha. Elas têm vergonha de chamar a atenção. É compreensível, pois tudo o que é bonito atrai os olhares. E que coisa bonita é ver uma mulher de véu na igreja! Há outras coisas mais urgentes para se envergonhar, como usar decotes muito grandes na Missa, roupas curtas ou muito apertadas, isso sim atrai os olhares mas de uma forma muito negativa. Disso nossas mulheres deveriam se envergonhar”. Disponível em: <https://tirinhasdamaria.wordpress.com/2014/05/22/tambem-quero-usar-veu/>. Acesso em: 07/07/2026.

As roupas, enquanto meio de comunicação e reconhecimento social eficiente, revestem os indivíduos com múltiplos e distintos atributos sociais. Porém, aqui elas ganham um novo sentido, sendo entendidas como bens materiais que podem modelar sensibilidades e disposições psicológicas e “despertar” comportamentos. Uma referência nessa temática é o Padre Daniel Pinheiro, sacerdote vinculado ao Instituto Bom Pastor de Brasília (DF) e um dos sacerdotes referenciados como “guardião da verdadeira fé católica” no *site Flores da Modéstia*. Em um de seus sermões, publicado no dia 24 de fevereiro de 2013 no *blog Missa Tridentina* em Brasília e intitulado “*A Modéstia no vestir*”, ele afirma que:

É próprio da virtude da modéstia também que homens e mulheres se vistam de forma a diferenciar o sexo de cada um e de forma a exprimir o papel de cada um na sociedade. As vestes semelhantes de homens e mulheres causam muitos danos às próprias pessoas e à sociedade. Como disse, as vestes exprimem uma disposição da alma e terminam também influenciando o nosso comportamento. Se homens e mulheres se vestem igualmente, haverá um grande problema. *E esse problema nós vivemos hoje. Os homens são cada vez mais efeminados. As mulheres cada vez mais masculinizadas. O homossexualismo se difunde.* Portanto, é preciso haver diferença na maneira de vestir do homem e da mulher e que essa maneira seja clara e modesta. E isso não só na Igreja, mas em todos os lugares¹⁰ (grifos meus).

“NÃO QUERO PARECER CRENTE”: RELIGIÃO, CLASSE E RAÇA EM PROCESSOS DE DISTINÇÃO

Uma publicação do *site Moda & Modéstia*¹¹ lista cinco obstáculos a serem enfrentados por mulheres católicas que iniciam sua jornada como

¹⁰ Disponível em: <https://missatridentinaembrasil.org/2013/03/02/sermao-a-modestia-no-vestir/>. Acesso em: 10/08/2025.

¹¹ Disponível em: <http://modaemodestia.com.br/nova-por-aqui>. Acesso em: 17/08/2022.

adeptas da modéstia no vestir e menciona, em seu último item, a confusão com o modo protestante de se vestir como um ponto de atenção:

Superar as diversas situações em que as pessoas acham que você é protestante. A maioria das roupas das mulheres protestantes são imodestas: saia jeans curta e colada no corpo e a camiseta “baby look”. E, quando não é imodesto, geralmente é brega. No entanto, como elas foram as primeiras em “massa” a deixar de usar a calça, basta colocarmos uma saia e já não parecemos com a “mulher católica”, pois esta em sua maioria já foi seduzida pela moda do mundo. Em vez de ficarmos frustradas com estas situações, devemos tirar proveito: “não sou protestante, sou filha de Maria Santíssima...” é uma boa forma de começar a evangelizar a pessoa. Ao mesmo tempo devemos fazer com que a nossa geração de mulheres católicas possam (sic) “em massa” aderir à modéstia unida à elegância, de forma que também, ao passarmos nas ruas, todos possam saber em quem nós cremos e a quem servimos (grifos no original).

A constante detração do estilo e do “senso de moda” de mulheres evangélicas em publicações *online* criadas por católicas modestas vai além do vestuário e estilo. Nesse sentido, cabe considerar a composição social de cada um desses diferentes grupos religiosos dentro do cristianismo contemporâneo, destacando uma clivagem de classe entre denominações protestantes históricas, tais como batistas, metodistas e presbiterianos, e denominações evangélicas como os pentecostais e os neopentecostais, que representam a camada mais pobre dentre os protestantes (Spyer, 2020; Reis e Teixeira, 2021). Levantamentos quantitativos como a pesquisa “Diversidade Cristã”¹², realizada pelo Grupo Globo em 2021, apontam uma considerável preponderância de mulheres e pessoas negras, com baixos índices de escolaridade e renda entre grupos pentecostais, ao passo que o segmento neopentecostal também costuma destacar a presença de mulheres, mas com maiores índices de escolaridade e renda, englobando faixas das classes média e média alta.

¹² Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-diversidade-crista/>. Acesso em: 16/04/2023.

Residindo na capital do Rio de Janeiro durante toda a minha vida, me acostumei a observar mulheres com vestimentas diferenciadas da moda “mundana” pelas ruas e avenidas da cidade. Trajando vestidos longos, largos, com pregas na cintura, gola alta e mangas compridas e um tanto bufantes, em sua maioria costurados a partir de um tecido de poliéster em tons claros de azul, bege, verde, rosa ou amarelo, elas eram, em sua maioria, mulheres negras, com cabelos bem esticados na parte da frente e presos em um coque baixo e firmemente preso na nuca (Figura 2). Vagamente identificadas como fiéis de igrejas evangélicas tradicionais, tais como a Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD), as mulheres que trajavam essas vestes popularmente chamadas de “roupões” geram estranhamento, notadamente por conta do contraste de suas vestimentas “fechadas” com as altas temperaturas locais. Elas se distinguem esteticamente de fiéis evangélicas protestantes que, ao longo dos anos 1990, eram pejorativamente identificadas como “crentes” - mulheres que usavam saias abaixo dos joelhos, em sua maioria feitas com tecidos de brim ou denim do tipo *jeans*, e cabelos muito longos presos em rabos de cavalo, ligadas a igrejas neopentecostais como a Assembleia de Deus (AD). Ambos os estilos eram caracterizados pela restrição do uso de acessórios, joias e maquiagens.

Figura 2 – Fiéis da ADUD trajando os seus “roupões” e mostrando o comprimento dos cabelos



Fonte: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/guardias-do-eden>. Acesso em: 09/10/2025.

Na perspectiva de católicas modestas, os “roupões” são popularmente chamados de “capas de botijão de gás” (Figura 3), denotando não somente uma percepção deletéria sobre as vestimentas, mas também sobre os corpos dessas mulheres pentecostais. Se as definições sociais sobre os “corpos ideais” passam por mudanças constantes ao longo dos anos, a mística religiosa

que concebe o corpo, os sentidos e os prazeres percebidos por eles como obstáculos à salvação eterna, sendo considerados sujos e ruins – e, portanto, objetos de uma imprescindível domesticação.

Figura 3 – “Capa de botijão de gás?”



Fonte: <https://mulhercatolica.com/moda-e-modestia-elegancia-breguice-desleixo/>.
Acesso em: 16/08/2025.

“Ahh, moda e modéstia?? esse pessoal se veste com capa de botijão de gás!!”... “Ahh, moda e modéstia? nossa, breguice na certa!”... “Ahh, moda e modéstia? essas mulheres devem ser feias de dar dó!”... “por isso não arrumam marido”... “coitado dos maridos, devem acordar vendo assombração!”... “elas não devem depilar nem as axilas!”...

É minha gente, há “moralistas de Facebook” por aí que falam coisas assim internet afora. No fim, esses tipos de comentários só são capazes de causar risos, porque acabam sendo engraçados de tão absurdos... Alguém aí conhece alguma mulher católica que quer se vestir com modéstia e por isso se veste com capa de botijão de gás? Eu não. E mesmo se alguém se vestisse assim,

parecendo um botijão de gás ambulante coberto, não seria tão escandaloso quanto uma mulher católica que usa roupas com falta de pano, que mal cobre os ombros, o peito e as pernas, ou que deixa tudo delineado sob o tecido justo ao corpo. Que boa obra faz, que bom exemplo dá, aquela mulher católica que se veste exatamente igual a todas as mulheres que seguem as modas indecentes? Embora vivamos no mundo, não somos do mundo (cf. Jo. 15, 18-21), e o cristão deve ser um emblema vivo disto. *"A vossa modéstia seja conhecida de todos os homens"* (Filipenses 4, 5) (grifos no original)¹³.

Uma publicação do site *Flores da Modéstia* intitulada *Não quero parecer "crente" vivendo a modéstia, como faço?* e datada de janeiro de 2014, têm as seguintes frases de abertura:

Muitas meninas tem essa dúvida quando iniciam na modéstia, querendo mudar o guarda-roupas. Receiam em mudar e serem confundidas com protestantes, de seitas como a "congregação cristã" e "deus é amor". Fiz este artigo explicando as razões porque acho que, com muito bom senso e bom gosto, isso não acontece. E dou algumas dicas de vestimentas e acessórios que ajudarão a diferenciar, e não parecer "brega" nem antiquada¹⁴.

Desde o uso de letras minúsculas e das aspas para nomear as congregações evangélicas é possível notar a desqualificação dessas igrejas e de suas fiéis. O uso do termo "seitas" se destaca como uma forma de invalidar as interpretações doutrinárias e litúrgicas desses grupos cristãos, além do próprio ato de nomear adeptas de diferentes congregações religiosas protestantes com um único termo ("crente"), o que pode ser compreendido como uma tentativa de apagamento simbólico dessas identidades religiosas, que se estabeleceram ao longo do tempo através de processos complexos de pertencimento comunitário e reconhecimento social. Para católicas modestas, fiéis

¹³ Disponível em: <https://mulhercatolica.com/moda-e-modestia-elegancia-breguice-desleixo/>. Acesso em: 16/08/2025.

¹⁴ Disponível em: <https://floresdamodestia.blogspot.com/2014/01/nao-quero-parecer-crente-vivendo.html>. Acesso em: 16/06/2026.

que se orientam pela supremacia da doutrina, dos ritos e dos sacramentos que antecedem o Concílio Vaticano II (1962-1965) e abertamente rejeitam o protestantismo como uma deturpação da fé cristã, tanto faz se uma mulher frequenta a Congregação Cristã do Brasil, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a Assembleia de Deus dos Últimos Dias ou a Assembleia de Deus: todas elas são “crentes”.

Enquanto as críticas a outras vertentes do catolicismo se concentram no campo da moralidade, mobilizando críticas à forma “imodesta” ou “vulgar” de se vestir, as críticas ao pentecostalismo partem de uma desqualificação teológica e ritualística e avançam para o campo da estética, evidenciando aspectos corporais e capilares. Se às chamadas “falsas católicas” – ou seja, aquelas fiéis que não seguem a prática da modéstia no vestir – faltaria pudor, às chamadas “crentes”, que seguem uma religião considerada “falsa” e estruturada a partir de interpretações “errôneas” da Bíblia, faltaria elegância, beleza, estilo e demais expressões de um cuidado estético que revela um cultivo de si que é expresso através do uso comedido, mas sempre presente, de acessórios como brincos, anéis e colares, maquiagem e cortes de cabelo, ainda que eles devam ser cobertos pelas adeptas da modéstia com um véu durante as missas.

As desqualificações morais com base na estética também estão presentes dentro do catolicismo, com disputas entre as consideradas ‘católicas de verdade’ e as “falsas católicas”. Um exemplo disso é a Figura 4 abaixo, criada pela católica modesta Maria Bastos e publicada no seu *blog*, o *Tirinhas da Maria*:

Figura 04 – Tirinha “Quando passa por um rapaz católico...”



Fonte: <https://tirinhasdamaria.wordpress.com/>. Acesso em: 01/05/2020.

Essa ilustração chamou imediatamente a minha atenção por reunir diversos elementos de distinção estética entre as duas personagens femininas, a despeito de apresentar uma mesma identidade religiosa “católica”. O destaque dado pela criadora do *blog* e do desenho ao corpo feminino curvilíneo e aos cabelos ondulados da personagem “moça católica”, uma representação fenotípica estereotipada da mulher brasileira, em contraste com a personagem “moça católica que vive a modéstia”, sugeria para algo além das vestimentas consideradas apropriadas a uma devoção religiosa legítima. Nesse sentido, o trabalho de Nilma Lino Gomes (2019) sobre a importância do corpo e dos cabelos em meio às tensões da realidade racial brasileira nos ajuda a pensar a centralidade dos cabelos na composição e na distinção estética. A autora destaca como os sujeitos presentes no seu

universo de pesquisa “polarizam o seu tipo de cabelo na oposição liso e crespo, vistos socialmente de maneira pejorativa como “bom” e “ruim”” (Gomes, 2019, p. 231) através de sua capacidade de manipulação e controle dos fios, “domando-os” e fazendo com que eles se ajustem em penteados diversos. Ao examinarmos o universo de ilustrações criadas e difundidas em espaços virtuais da modéstia católica, destaca-se a representação de personagens apresentadas como “vulgares”, “promíscuas” e apartadas da fé como mulheres de cabelos cacheados e volumosos, mobilizando estereótipos de representações estéticas sobre corpo, feminilidade e raça tanto no catolicismo tradicional quanto no protestantismo.

A estética corporal das camadas populares foi investigada, dentre outros pesquisadores, por Joana de Vilhena Novaes (2006), que destacou em sua tese os modos como a questão estética atua como “forma e fôrma”, estabelecendo aquilo que é belo e aquilo que pode vir a ser sob determinados procedimentos e intervenções (Novaes, 2006, p. 24). Sabendo-se que o corpo emerge como uma das principais arenas de aferição do dispositivo da civilização na contemporaneidade, ultrapassando os limites do biológico e se consolidando como um ator social em si, as referências à forma física de mulheres que não pertencem ao nicho da modéstia católica passam a nos informar uma série de construções simbólicas atravessadas por marcadores sociais da diferença que ressaltam o corpo magro, jovem e branco, como constatado em nossas observações de campo e em nossa pesquisa em espaços virtuais, como os corpos ideais do tradicionalismo católico. Os indícios disso se faziam presentes desde a primeira imagem que serviu como minha porta de entrada para o campo da modéstia¹⁵, a Figura 4 deste artigo, onde uma moça com o corpo volumoso e curvilíneo e os cabelos ondulados gera reações desconcertantes e desestabilizantes em um rapaz e, em contraste, uma outra personagem de corpo magro e longilíneo, traços finos e cabelos lisos, o encanta. Para além do reforço da vigilância e do controle que as mulheres

¹⁵ Disponível em: <https://tirinhasdamaria.wordpress.com/2012/08/08/e-quando-uma-moca-catolica/>. Acesso em: 16/07/2025.

devem exercer sobre seus corpos a fim de colaborar” com os homens em sua “luta pela castidade”, o texto que acompanha o desenho criado por Maria Bastos ressalta a questão da beleza modesta, afirmando que “(...) muitas moças têm o receio de se vestirem bem, cobrindo com recato o seu corpo por medo de os rapazes não as acharem mais atraentes, têm medo de ficarem feias ou parecidas com velhas”¹⁶.

O cálculo daquilo que se configura como “cuidado” e “vaidade” aparece de forma constante nos espaços virtuais analisados, sendo o assunto principal de diversas publicações que admoestam vigilância constante da expressão corporal feminina, que necessariamente passa pelos tipos de roupas permitidas para o uso na prática da modéstia, como no excerto de uma publicação do *site Flores da Modéstia*:

Quando uma mulher usa calças, ela não fica precavida de certos movimentos. Por exemplo, quando estamos usando saias e vamos sentar, fazemos isso com certa delicadeza, cuidado, pernas fechadas, bem próximas, [temos] certo cuidado quando vamos levantar etc. E tudo isso é totalmente **inutilizado** quando se usa uma calça, a mulher muda tanto a sua maneira de pensar e de agir que nem se importa mais com isso, senta de qualquer maneira, fica com as pernas abertas, levantadas (...). A postura da mulher muda, fica mais solta, desleixada, nada modesto! Por isso e outras razões (tão mais importantes que essa), o **Cardeal Siri** afirma que é um dos problemas no uso de calças pelas mulheres (grifos no original)¹⁷.

Ao analisar o conteúdo desses textos, é possível perceber uma relação direta entre respeitabilidade, prestígio e desejo neste campo, pois quanto maior a respeitabilidade atribuída a essas mulheres a partir da adoção da modéstia no vestir, mais atraentes elas se tornam segundo os padrões de moralidade desse grupo, propiciando um enquadramento diferenciado dessas

¹⁶ Disponível em: <https://tirinhasdamaria.wordpress.com/2012/08/08/e-quando-uma-moca-catolica/>. Acesso em: 16/07/2025.

¹⁷ Disponível em: <https://floresdamodestia.blogspot.com/2015/11/a-pornografia-branda-que-e-aceita-pela.html>. Acesso em: 18/06/2026.

mulheres de fé no mercado afetivo-sexual. Esse apontamento dialoga com a simbologia das cores dos véus usados por católicas modestas em missas, que obedecem a um rígido padrão de base cultural que indica o estado civil de cada uma delas: branco ou em tons pastéis de rosa, amarelo ou azul claro para solteiras, pretos ou em tons escuros de cinza, marrom ou azul-marinho para mulheres casadas e pretos para viúvas.

Os constantes esforços das católicas modestas de se diferenciarem de outras mulheres não modestas, sejam elas católicas ou não católicas, podem ser interpretados como uma busca de atribuição de valor e prestígio à sua identidade religiosa. Em *A Distinção*, Pierre Bourdieu (2008) destacou o caráter ideológico e distintivo por trás de escolhas pessoais de consumo afirmando que “As tomadas de posição, objetiva e subjetivamente, estética (...) constituem outras tantas oportunidades de experimentar ou afirmar a posição ocupada no espaço social como lugar a assegurar ou distanciamento a manter” (Bourdieu, 2008, p. 57,). Seguindo este raciocínio, que tem suas bases nos apontamentos de pioneiros do campo sociológico como Thorstein Veblen e Georg Simmel, podemos conceber a prática da modéstia cristã no vestir tanto como um modo de auto-estilização e de expressão de uma identidade religiosa de suas adeptas quanto um modo de estabelecer um distanciamento explícito daquilo que é considerado impuro, moralmente repreensível, pecaminoso ou ofensivo pela ótica religiosa, atendendo a uma série de expectativas partilhadas de comportamento - identificação e diferenciação, integração e distinção.

Tomando como ponto de partida os discursos da pastora Ana Paula Valadão sobre vestuário e moralidade em encontros da Igreja Batista da Lagoinha¹⁸, Rita Gonçalves (2015) destaca a centralidade da estética para

¹⁸ Fundada por José Rego do Nascimento na periferia de Belo Horizonte em 1957, a Igreja Batista da Lagoinha surgiu em um contexto de “avivamento” evangélico inspirado em missionários norte-americanos que se estabeleceram no Brasil entre os anos 1940 e 1960 e possui características bastante peculiares desde a sua origem, mesclando uma tradição batista com elementos pentecostais como a glossolalia (o “falar em línguas estranhas”), a crença em dons e as experiências espirituais derivadas de transe religiosos.

a distinção no cristianismo protestante evangélico e ressalta algumas das diversas funções dessa prática, seja para ressaltar o novo regime de moralidade adotado após a conversão religiosa, estabelecendo um afastamento e criando uma diferenciação hierárquica com indivíduos não evangélicos, seja para sinalizar pertencimentos de classe. A autora destaca que, “ao fazer do vestuário um signo de identificação, a cultura evangélica fixa um padrão distintivo: o de que as evangélicas devem vestir-se com modéstia para serem identificadas pelo público como mulheres de Deus”, evidenciando um caráter comum à prática da modéstia evangélica com a prática da modéstia católica e ressaltando o vestuário feminino enquanto “código de comunicação e signo de distinção social” (Gonçalo, 2015, p. 4), marcando posições e distâncias sociais. A autora prossegue, afirmando que

No protestantismo, os componentes estéticos (sobretudo o vestuário) são designados como marcadores distintivos das mulheres perante o outro não evangélico. Assinalando tanto a manutenção quanto a mudança dos valores assumidos no âmbito social e no âmbito individual, a análise da estética e do corpo vestido entre as evangélicas permite estabelecer os modos de esse sujeito estar e se apresentar no mundo contemporâneo. Pelo corpo, é possível perceber como se dá a utilização de elementos sutis para estabelecer diferenças, considerando negociações de parte a parte em nome de um interesse coletivo. Neste sentido, o vestuário funciona como um componente para vivenciar a moral religiosa e expor a experiência da “transformação” por meio da distinção, onde se pode concluir que essa estética interessada das protestantes é também uma sinalização de classe (Gonçalo, 2015, p. 4).

Para além das roupas, os rituais frequentados por denominações cristãs pentecostais e neopentecostais também são alvos de críticas pelo enfoque no uso de músicas “mundanas” para a adoração religiosa, bem como danças, coreografias e manifestações de glossolalia, incorporação espiritual e imposição das mãos – esta última, uma prática ritual também adotada pelo movimento católico da Renovação Carismática.

Neste artigo farei uma pequena compilação sobre o Santo Sacrifício da Missa tomando por base o Catecismo de São Pio X, a *Encíclica Mediator Dei* de Pio XII e o Concílio de Trento. O propósito deste artigo é levar o leitor a compreender que a Missa não é um encontro convencional de pessoas aos domingos, nem um “evento social”, muito menos uma “festinha” [e na pior das hipóteses um “show”] onde reinam baterias e bateções de palmas. *A Santa Missa é a renovação do sacrifício da Cruz de modo incruento*, portanto é um momento que exige adoração, respeito, recolhimento, oração e silêncio. Infelizmente, muitos católicos vão à Missa, mas não sabem de fato – e nem procuram saber – *o que é a Santa Missa*. E pior que isso, além de não saberem o que é a Missa, ainda se portam de maneira inadequada na Igreja e vestem-se de maneira pior ainda (grifos no original)¹⁹.

O excerto acima reúne, de uma só vez, diversos elementos que se destacaram ao longo da minha pesquisa: o caráter pedagógico dos espaços virtuais da modéstia, as referências a livros e documentos escritos por autoridades da Igreja Católica divulgados de forma simplificada e “traduzida” para uma linguagem mais direta e acessível nestes espaços virtuais e as críticas que desclassificam e buscam criar uma diferenciação hierárquica com outras práticas religiosas cristãs, tal como os rituais de adoração praticados por fiéis dos ramos evangélicos, cujas denominações são compostas majoritariamente por mulheres negras e pessoas pobres das periferias urbanas brasileiras. Para além disso, a menção às “baterias e de palmas”, “festinha” e “show” nos remetem diretamente às críticas enfáticas e contumazes feitas por católicos tradicionais a determinados cultos religiosos, como os rituais da Renovação Carismática Católica (Abreu, 2009) e cultos pentecostais. Neste último caso, as críticas se intensificam por conta do conteúdo das músicas, compostas por versos que traduzem desafios e conflitos cotidianos, típicos da realidade dos fiéis das camadas mais empobrecidas da população brasileira (Guerreiro, 2018), e sobre a sua própria forma rítmica, uma vez que grande parte dos

¹⁹ Disponível em: <https://mulhercatolica.com/o-santo-sacrificio-da-missa/>. Acesso em: 06/06/2026.

louvores pentecostais atuais adotam ritmos musicais populares como o pagode e o forró eletrônico como base, guiando seus fiéis em transes religiosos e em manifestações espirituais como a glossolalia (popularmente conhecida como a prática de “falar em línguas”).

Não “parecer brega”, ou ser uma católica *elegante*, são imperativos que demonstram como a diferenciação com mulheres identificadas com outros ramos cristãos se manifesta nos espaços virtuais da modéstia, apresentando-se inicialmente como uma distinção de gosto e de estilo pessoal, mas entrelaçando-se de forma indissociável de uma distinção de classe, ainda que forma simbólica e difusa. Conforme os meus achados de pesquisa sugeriram, há uma inegável identificação do catolicismo tradicional e da prática da modéstia com as classes média em média alta, incluindo alguns segmentos notadamente vinculados à elite econômica e patrimonial do país, como os membros da Ordem Equestre do Santo Sepulcro, membros cativos das missas tridentinas na Igreja da Antiga Sé (RJ), além da presença massiva de pessoas brancas nas três diferentes paróquias localizadas na cidade do Rio de Janeiro (RJ) onde realizei trabalho de campo presencial entre 2018 e 2020 e posteriormente em 2024²⁰. Em termos de territorialidade, enquanto grupos católicos alinhados com a Teologia da Libertação mantém um histórico de atuação em regiões predominantemente periféricas e rurais, a vertente do catolicismo tradicional se concentra em cidades de médio e grande porte populacional e com maiores índices de renda per capita. Considerando os grandes centros urbanos, ambos os movimentos pentecostais e neopentecostais trazem um histórico de consolidação e avanço a partir das periferias de cidades grandes, marcadas pela desigualdade social, ainda que muitos missionários sejam originários de países como os Estados Unidos e o Canadá, vindo atuar inicialmente em cidades brasileiras de menor porte.

Considerando a relação entre raça, religião e território, Juliano Spyer (2020) destaca que o pentecostalismo – única corrente protestante criada

²⁰ Foram elas: Igreja de São Pedro Príncipe dos Apóstolos, localizada no bairro do Rio Comprido, Antiga Sé, no Centro, e Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Olaria.

por uma pessoa negra, o estadunidense William James Seymour (1870-1922) – é, atualmente, a religião que mais reúne pessoas negras no Brasil, demonstrando tremenda força para se consolidar em áreas onde o Estado não atua devidamente, tais como as periferias urbanas. As igrejas evangélicas, nesses espaços, criam redes de sociabilidade, bem-estar e proteção a indivíduos socialmente marginalizados e que muitas vezes, têm que enfrentar dificuldades cada vez maiores em um mundo de crescente competitividade e isolamento. Casos simples, como a falta de roupas e calçados para uma entrevista de emprego, muitas vezes são resolvidos pela solidariedade dos laços formados a partir desse pertencimento religioso.

Compreendida como uma construção social utilizada como ferramenta de justificação de processos de poder e dominação sobre determinados grupos sociais, a raça consolidou-se como um importante elemento na construção e na consolidação de desigualdades sociais e assimetrias de poder. Enquanto categoria social analisada pelas antropólogas Jacqueline Moraes Teixeira e Lívia Reis (2021), ela “foi mobilizada, em diferentes contextos, em seus sentidos histórico (compartilhamento de experiência comum de opressão), político (associação em torno de reivindicações) ou cultural (sentimento de comunidade a partir de uma cultura)” (Teixeira e Reis, 2021, p. 16). A despeito da construção discursiva da igualdade, representada pela frase “todos são iguais perante os olhos de Deus” – algo que pude ouvir mais de uma vez durante as homilias na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Olaria (bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro) – ao longo de toda a minha pesquisa, a raça se fez presente como uma categoria de análise da maior importância *porque todas as pessoas envolvidas na defesa, na divulgação e na prática da modéstia em espaços virtuais eram brancas*, inclusive as autoridades religiosas referenciadas como “defensores” da modéstia e da tradição católica. Somente realizando incursões de campo em missas tridentinas²¹,

²¹ Os sentidos atribuídos às missas tridentinas remetem às decisões convencionadas no Concílio de Trento (1545-1563), convocado pelo Papa Paulo III como uma reação às turbulências provocadas pela Reforma Protestante europeia. Os consensos dessa reunião

o ritual de preferência das praticantes da modéstia, foi possível identificar a presença de pessoas negras nesses espaços, mas nunca se vestindo como adeptas da prática da modéstia no vestir.

PARA ALÉM DA ESTÉTICA: O TRADICIONALISMO E AS DISPUTAS NO CAMPO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO

Indo além do nosso objetivo central de analisar os processos de diferenciação estética entre fiéis católicas modestas e cristãs pentecostais e neopentecostais pejorativamente identificadas como “crentes”, considero importante fazer algumas considerações gerais sobre o campo religioso contemporâneo, compreendendo-o como um cenário que revela diversas camadas de disputas e tensionamentos, sendo consideravelmente disputado por dissidências e pelo avanço de novas experimentações religiosas e marcado pela percepção de um constante recuo da influência do catolicismo na sociedade brasileira.

Na minha pesquisa de doutorado, adotamos como hipótese inicial a busca pela segurança ontológica (Giddens, 2012) como fator de justificação para a prática da modéstia e para a adesão a um modo de experimentação religiosa que se identifica como “tradicional” em seus valores, dialogando

foram postos em prática pelo seu sucessor, o Papa Pio V. Durante seu pontificado, que durou de 1566 até 1572, ocorreu uma reforma da Igreja caracterizada pela redução de gastos e normatização da vida clerical, o estabelecimento da obrigatoriedade do ensino de Teologia tomista nas universidades, e uma reafirmação da legitimidade e da supremacia da Igreja Católica em relação a outras igrejas. A intenção de restabelecer uma moral religiosa levou à publicação do *Catecismo Romano da Igreja Católica*, que unificou normas, cultos e ritos católicos, todos realizados em latim, a língua oficial da Santa Sé romana. É nesse contexto que é instituído o rito tridentino, com o estabelecimento de um texto oficial da missa e do Ofício Divino, a *praxis* litúrgica ordinária do Rito Romano até o Concílio Vaticano II (1962-1965). Para mais, cf. Santos, Jaqueline Sant'ana Martins dos. *Modéstia cristã no vestir: gênero e tradição no catolicismo contemporâneo*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2024.

com o florescimento contemporâneo de formas religiosas ortodoxas, fundamentalistas e tradicionais identificado por Berger (2001). Nesse contexto, a “retórica da perda”, definida por Christina Cunha (2020, p. 134) como uma “tática discursiva articulada por diferentes lideranças sociais e políticas (dentre elas, religiosas) e baseada em um imperativo: o retorno da ordem, da previsibilidade, da segurança, da unidade, da autoridade”, nos ajuda a pensar como diversos segmentos religiosos mobilizam e oferecem reconhecimento para os dilemas, os questionamentos e as inseguranças dos indivíduos conformados em uma sociedade de risco (Beck, 2011) que emergiu através de uma série de mudanças sociais empiricamente identificáveis.

Essas transformações paulatinas também impactaram as instituições religiosas - não somente por uma alteração em seu *status* e reconhecimento social em termos amplos, mas também internamente, criando fissuras e instabilidades na instituição. O contexto que faz emergir práticas sociais como a modéstia se estrutura em torno da noção de “crise na Igreja”, que surgiu com grupos dissidentes e a partir de uma própria reflexividade institucional que é difundida através de centenas de produções de autoridades religiosas e especialistas na doutrina e na erudição católica tradicional, tal como o Padre Mathias Gaudron, um sacerdote alemão vinculado à Fraternidade Sacerdotal São Pio X, e destaca como a identificação e o reconhecimento sobre essa crise devem levar à busca pela Tradição católica, com a defesa de liturgias e práticas pré-conciliares, como as missas tridentinas (Bargo, 2017).

Essa crise estaria localizada no seio da própria Igreja Católica e teria como origem a infiltração de valores modernistas em seus ensinamentos e modos de interpretação da doutrina, que teria seu influxo no Concílio Vaticano II (1962-1965), quando erros de doutrina teriam sido cancelados e incorporados ao próprio coração da Igreja como forma de dobrar seus ensinamentos e valores *atemporais* com acenos ao modernismo, ao ecumenismo e ao secularismo a fim de “modernizar” a instituição aos olhos do mundo e buscar conquistar novos fiéis para si em um mercado religioso que já vinha se tornando cada vez mais competitivo. A necessidade de “fazer algo” em reparação à essa crise mobiliza inúmeras iniciativas que visam a retomada

da legitimidade da Igreja como “pastora de almas” e o estabelecimento da sua posição como principal responsável pelo fornecimento das sensações de segurança, integridade, ordem e harmonia espiritual através de uma profunda mudança de valores que aponta, como solução, para um passado imaginado, recriado em tons nostálgicos e que apela para a emotividade e para a valorização de uma memória familiar de fiéis que ocasionalmente cresceram professando a fé católica por força do hábito ou do costume social.

Os constantes acenos a construções subjetivas tais como os “no tempo da minha avó...”, que identificamos em todos os espaços virtuais mantidos por mulheres católicas modestas que analisamos em nossa pesquisa, indicam um esforço contrário ao “desmantelamento de um universo de representações” que Steil e Toniol (2013, p. 226) identificam como parte de uma crise do catolicismo, acompanhado pelo enfraquecimento de antigos consensos sociais em termos de crenças e relações a partir dos anos 1970 e de mudanças na própria relação entre a Igreja e a sociedade, deixando de legitimar a cultura e a religião popular pela força da tradição e da imposição dos seus sacramentos, tais como o batizado e o matrimônio, diante de um sentido moderno de religião, ancorado na livre escolha e no engajamento em uma determinada comunidade de fé a partir de uma tomada de consciência individual.

Tanto nos espaços virtuais analisados, quanto no campo de pesquisa presencial foi possível identificar uma intensa defesa de um modo de ser e estar que coloca a Tradição da Igreja como alicerce e os “bons valores” de um passado idealizado como um horizonte a ser perseguido, uma espécie de “boia salva-vidas” para uma realidade social em crise, caracterizada por dúvidas, medos e inseguranças derivadas de inegáveis transformações em paradigmas sobre família, domesticidade, corpo, sexualidade e relações íntimas ao longo das últimas décadas (Cunha, 2020). Ao mesmo tempo em que provocam fissuras em instituições outrora firmemente estruturadas, essas mudanças paradigmáticas engendram discursos que refletem receios e passam a demandar mudanças através de uma *retomada* da ordem, da autoridade e da segurança.

Segundo o professor e pesquisador Fabrício Oliveira (2023), as denominações religiosas são, antes de mais nada, “tecnologias de organização social” (Oliveira, 2023, p. 103). Ao buscarmos destacar o caráter relacional das categorias mobilizadas por católicos tradicionais que defendem e praticam a modéstia, destacamos como a quebra da hegemonia da Igreja Católica, bem como a consolidação do pluralismo religioso contemporâneo, levou a consideráveis reajustes e deslocamentos nos modos de organização social que são percebidos, em meu campo de pesquisa, como uma derrocada dos mandamentos de Deus e de sua “boa ordem” estabelecida para a humanidade.

Para as criadoras dos espaços virtuais analisados neste artigo, mulheres em idade reprodutiva, com diplomas de ensino superior, auto identificadas como brancas e pertencentes às camadas médias, a adesão a um modelo de representação feminina tradicional, inspirada na figura da Virgem Maria, é interpretada como um modo de se aproximar de Deus e dos seus desígnios, entrando em conformidade com um ideal de natureza humana definido por um modelo de dois sexos biológicos inatos, opostos e complementares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da modéstia emerge no bojo de inúmeras disputas e transformações no campo religioso ao longo do século XX e nos possibilita observar um complexo arranjo de construções discursivas, sociais e políticas. A fim de colaborar com a construção de panorama diversificado das feminilidades cristãs contemporâneas, neste artigo buscamos apresentar os modos como a estética é instrumentalizada como uma ferramenta de distinção entre fiéis identificados com diferentes grupos religiosos cristãos a partir de achados de pesquisa obtidos em espaços virtuais. Ao mobilizar valores e distinções estéticas, religiosas e morais, entrelaçando moralidade, corpo e marcadores sociais da diferença, os discursos elaborados por adeptas da modéstia católica evidenciam estranhamentos, disputas e tensões dentro e fora de suas

congregações religiosas, mostrando como esses espaços são complexos e heterogêneos.

Ao centrar seus esforços na construção, no aperfeiçoamento e no reforço de expressões binárias e idealizadas de masculinidades e feminilidades, essa prática que se estrutura a partir de uma série de valores compreendidos como “tradicionais” evidencia construções de gênero que estão em constantes processos de disputas, reformulações e tensionamentos na nossa sociedade. Além disso, e de forma não intencional, a prática da modéstia traz em si uma interessante percepção sobre os corpos, que ora são concebidos como perfeitas materializações de um projeto divino e inalterável de humanidade, que seria dividido entre dois sexos e duas respectivas “caixinhas de gênero” rígidas e estanques (Lanz, 2019), ora como construções que podem ser modeladas e sofrer influências diretas de diversos elementos externos que compõem a experiência humana cotidiana – as formas como nos expressamos, sentamos, falamos, sorrimos, consumimos, nos vestimos, estabelecemos relações afetivas etc –, podendo tornar-se mais ou menos masculinos ou femininos. Trata-se, de forma sucinta, de uma dinâmica ambígua e complexa, que ora defende e ora contesta uma determinada disposição cientificista do corpo que foi defendida pela própria Igreja Católica em diversos momentos de sua história, notadamente a partir da obra *Teologia do Corpo*, que reúne as primeiras catequeses sobre elementos da doutrina católica ministradas pelo Papa João Paulo II durante as “Audiências Gerais”, entre os anos de 1979 e 1984 (Carvalho, 2015).

O pertencimento religioso ao catolicismo tradicional oferece às suas adeptas formas subjetivas e objetivas de reconhecimento aos seus papéis de esposas, mães e donas de casa, além de ferramentas de distinção e prestígio em relação à outras mulheres de diferentes denominações religiosas, principalmente aquelas que ocupam a base da pirâmide social brasileira. Se por um lado acredito ser interessante averiguar o que há por detrás dessas desqualificações de ordem estética e moral entre fiéis, que evidenciam os efeitos dissolutos do moralismo sexual, do racismo, da gordofobia e do elitismo classista em nossa sociedade, enquanto pesquisadora também

me interessa o exercício de traçar pontos de aproximação entre diferentes grupos. Nesse contexto específico, penso em possíveis arranjos estratégicos em torno da visibilidade e do reconhecimento do trabalho reprodutivo e de cuidado realizado por mulheres de forma não remunerada, uma bandeira comum tanto entre fiéis protestantes e católicas modestas que se colocam publicamente como “antifeministas” quanto por mulheres identificadas com as diversas vertentes dos feminismos como uma demanda urgente para a nossa sociedade. Que mais e mais pessoas possam se interessar em seguir essas trilhas imaginativas futuramente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria José de. “Breath, Technology, and the Making of Community Canção Nova in Brazil”. In MEYER, B. (Org). *Aesthetic Formations: Media, Religion, and the Senses*. Nova York: Palgrave MacMillan, 2009.
- BARGO, María. Ritualizando la identidad tradicional. La misa tridentina de la Fraternidad Sacerdotal San Pio X. *Sociedad y Religión: Sociología, Antropología e Historia de la Religión en el Cono Sur*, v. XXVII, n. 47, p. 83-101, 2017.
- BECK, Ulrich. *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CARVALHO, Fábio Jorge Araújo de. *A antropologia do Papa João Paulo II presente nas catequeses sobre a Teologia do Corpo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Religiosas) - Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2015.
- CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume, 2007.

CEREJEIRA, Thiago de Lima. A moda e o vestuário como objetos de estudo da antropologia na compreensão das relações sociais, identidade e imaginário da sociedade contemporânea brasileira. *Vivências: Revista de Antropologia*, v. 1 n. 40, p. 27-35, 2012.

CUNHA, Christina Vital da. Retórica da Perda nas eleições presidenciais brasileiras em 2018: religião, medos sociais e tradição em foco. *Plural*, ano 3, n. 6, jul./dez. 2020.

FLORES DA MODÉSTIA. Disponível em: <http://floresdamodestia.blogspot.com/> Acesso em: 21/08/2025.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.

FREIRE, Rita de Sá. *A Beleza da Modéstia. Apostolado Nos Passos de Maria*, s/d. Disponível em: <https://www.nospassosdemaria.com.br/colunistas/Rita/A%20Beleza%20da%20Mod%C3%A9stia.pdf> Acesso em: 07/07/2026.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização Reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

GIL, Laura. Corporalidade, ética e identidade em dois grupos Pano. *Ilha*, v. 5, n. 1, p. 23-45, 2003.

GOLDENBERG, Miriam. Gênero, corpo e “imitação prestigiosa” na cultura brasileira. *Saúde Soc.*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 543-553, 2011.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz – Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GONÇALO, Rita. Moralidade Estética e Distinção: o vestuário feminino no discurso da pastora Ana Paula Valadão. *Anais do COMUNICOM*, São Paulo, 2015.

GUERREIRO, Clayton. “Hoje à noite vai ter reteté, pô!”: evidências de conflitos cotidianos em rituais pentecostais. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 19, n. 34, p. 123-154, ago./dez. 2018.

HÉRITIER, Françoise. *Masculino, Feminino – O pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

LANZ, Letícia. *O corpo da roupa*. Curitiba: Transgente, 2019.

LATOURE, Bruno, JENSEN, Pablo, BOULLIER, Dominique, GRAUWIN, Sébastian, VENTURINI, Tomasso. O todo é sempre menor que as partes: um teste digital acerca das mônadas de Gabriel Tarde. *Parágrafo – Revista Científica de Comunicação Social da FIAMFAAM*, São Paulo, vol. 2, n. 3, p.6-25, Jul./Dez de 2015.

LEVY, Pierre. *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34, 1996.

MAHMOOD, Saba. Teoria Feminista, Agência e Sujeito Libertário: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, v. 10, n. 1, 2006.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2003.

MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento em três sociedades primitivas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. *The internet: An ethnographic approach*. Oxford: Berg, 2000. Disponível em: <http://www.douri.sh/classes/readings/MillerSlater-InternetChapter1.pdf>. Acesso em: 05/07/2021.

MOORE, Henrietta. Compreendendo Sexo e Gênero. In INGOLD, Tim (Org.). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres: Routledge, p. 813-830, 1997.

MULHER CATÓLICA. *Website*. Disponível em: <https://mulhercatolica.com/>. Acesso em: 21/08/2025.

NOVAES, Joana de Vilhena. *O intolerável peso da feiura: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Editora Garamond, 2006.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. A máquina universal: uma análise da mobilização do discurso moral na Folha Universal nas eleições de 2022. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 99-124, 2023.

REIS, Livia; TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Religiões e Raça. *Religião & Sociedade*, v. 41, n. 3, p. 11-23, set. 2021.

SANTOS, Jaqueline Sant'ana Martins dos. *Modéstia cristã no vestir: Gênero e tradição no catolicismo contemporâneo*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2024.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1990.

SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. O catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 223-243, jul./dez. 2013.

Recebido em: 17/07/2026

Aprovado em: 27/07/2026